

Notas sobre uma Estética Pragmatista

Laura Elizia Haubert

*Universidad Nacional De Córdoba, Argentina
eliziahaubert@Gmail.Com*

Nesta breve apresentação veremos de que modo os chamados três grandes nomes do pragmatismo norte-americano Charles Peirce, William James e John Dewey desenvolveram uma estética que deu origem a chamada "estética pragmatista". Assim, buscou-se apresentar quais seriam as características gerais dessa tradição, e mais particularmente depois, detendo-se no trabalho de cada um desses autores. Deste modo observou-se como em Peirce já está presente uma certa reflexão estética, ainda que fragmentária e escassa. Em seguida, James rompe com os limites da estética colocando-se para além dela. Já, por último, apresentou-se em termos gerais a estética de John Dewey, que foi considerada por muitos intérpretes como Richard Shusterman, o coração central da estética pragmatista.

Palavras-chave: Estética pragmatista, Pragmatismo, Experiência Estética, John Dewey, Arte.

I

De modo geral, na tradição moderna a característica preponderante que permeou a experiência estética foi o chamado desinteresse, ou ainda, a tal atitude desinteressada do espectador.¹ Graças a esse entendimento, a estética aparecia quase sempre em oposição a um caráter prático, e sua marca era uma certa ausência de propósito. Pensada assim, a experiência estética estava fechada em seu próprio reino, distante da vida cotidiana.

Pois bem, a estética pragmatista² que será abordada adiante nessa comunicação coloca-se justamente na contramão dessa visão tradicional moderna. Em linhas gerais, a proposta da estética pragmatista diz respeito a não mais separar a vida e a experiência estética, porque a própria experiência estética é um componente enriquecedor e formador da vida e de todas as experiências como veremos a seguir.³

Contudo, antes de avançar, faz-se necessário assinalar uma série de questões sobre a natureza da estética pragmatista. A começar pelo fato de que não existiria nenhuma "estética pragmatista" enquanto sistema uniforme de doutrinas. Talvez, seja mais honesto dizer parafraseando as famosas

¹ Kant, Immanuel. *Crítica da faculdade do Julgar*. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis, RJ, 2016, p.119.

² O termo pragmatista é empregado nesta comunicação em sua definição mais convencional, a saber, como movimento da tradição filosófica norte-americana concebido no final do século XIX por Charles Peirce, ampliado por William James e sistematizado por John Dewey. Sendo o eixo central compartilhado por diferentes filósofos a suposição de que crenças não podem ser separadas de ações, e devem ser avaliadas a partir de suas consequências práticas. Spencer, Albert R. *American Pragmatism: an introduction*. Cambridge, 2019.

³ Shusterman, Richard. *Pragmatism*. In: Gaut, Berys; Lopes, Dominic McIver. (eds.) *The Routledge Companion to Aesthetics*. London/New York, 2013, p.96.

palavras de Schiller sobre pragmatismo⁴, de que há tantas estéticas pragmatistas quanto há pragmatistas. Isto é, há uma multiplicidade tanto de vozes, quanto de temas e problemas, quanto de graus de interesse.

Esse último ponto merece ser esclarecido, pois desponta como outra questão espinhosa da estética pragmatista. A saber, o fato de que nem todos os pragmatistas demonstraram grande interesse pelo tema da estética, e para ser preciso, foi somente John Dewey e seu livro “Arte como Experiência” publicado em 1934 que foram assentadas as bases para o que veio a se chamar de estética pragmatista.

De modo igualmente controverso, encontra-se Dewey como cerne da estética pragmatista, já que o filósofo norte-americano não empregou sequer uma única vez o termo pragmatismo ou pragmatista em todas as 648 páginas de seu livro. Além disso, ele próprio, em um ensaio de resposta a críticas tecidas por Benedetto Croce esforça-se por afastar o rótulo de sua teoria estética, tal como se observa abaixo.

Em substância, é porque Croce assume que escrevi sobre arte com a intenção de colocá-la no âmbito da filosofia pragmatista – embora eu não tenha, a seu ver, realizado com sucesso a pretensão envolvida nesse propósito. O fato é que tratei consistentemente a teoria pragmatista como uma teoria do conhecimento, e como confinada nos limites do campo da matéria especificamente cognitiva. Além disso, rejeitei especificamente a ideia de que a matéria estética é uma forma de conhecimento, e sustentei que um defeito primordial das filosofias da arte foi tratar a matéria como se fosse uma espécie de conhecimento da Realidade, presumivelmente de uma ordem mais elevada e verdadeira do que qualquer coisa de que a “ciência” seja capaz. [...] Como resultado, não escrevi ‘Arte como Experiência’ como um apêndice ou aplicação de meu pragmatismo (o que era proibido em qualquer caso pela razão que acabei de expor), ou em sujeição a qualquer sistema de filosofia.⁵

A despeito do que escreveu o próprio filósofo, não foram poucos os que interpretaram, e seguem interpretando sua estética como o momento chave da estética pragmatista. A começar pelo próprio Richard Shusterman⁶, um dos maiores intérpretes de Dewey e responsável por reviver o interesse pela estética do filósofo. Quanto a isso, em diferentes trabalhos, argumenta Shusterman que se Dewey não chama sua estética de pragmatista é porque estava tentando evitar uni-la a essa palavra que já levantava suspeitas e ataques na época em que foi publicado. Em outras palavras, ele o faz por uma estratégia de defesa.⁷

Outros intérpretes vão entender que não importa a razão pela qual Dewey não quis nomear sua estética de pragmatista, a despeito do que ele escreveu, ela apresenta características que são

⁴ Schiller, F.C.S. William James and the Making of Pragmatism. *The Personalist*, 8:81-93.

⁵ Dewey, John. A Comment on the Foregoing Criticism. In: Boydston, J.A. (ed.). *The Later Works of John Dewey*, 15. Carbondale and Edwardsville, p.98.

⁶ Shusterman, Richard. The Invention of Pragmatist Aesthetics: genealogical reflection on a notion and a name. In: Malecki, Wojciech. (ed.). *Practicing Pragmatist Aesthetics: critical perspectives on the Arts*. Amsterdam, 2014, p.14.

⁷ Idem *ibidem*.

consideradas do método pragmatista.⁸ Nomeada ou não, isto é apenas um detalhe secundário que não deveria nos incomodar. Muitos parecem ter partido desta abordagem já que seja em publicações de décadas anteriores, a publicações mais recentes, o termo continuou a ser empregado. E Dewey continuou a ser tratado como o maior expoente em todos esses casos⁹.

Pensando a estética pragmatista assim, a partir, e tal como pensaram, os filósofos pragmatistas pode-se elencar algumas características que em diferentes graus aparecem nos três pensadores. São elas: (i) o caráter naturalista, (ii) a profunda rejeição da oposição tradicional entre estética e prática; (iii) a continuidade entre o mundo da estética e o mundo prático, bem como entre as artes e a ciência; (iv) um caráter meliorista que entende como parte da arte não apenas definições formais, mas a capacidade de aumentar e melhorar a vida humana; (v) e a primazia da experiência.¹⁰

Ademais dessas propriedades, haveria um atributo ainda mais peculiar que serviria como o fio de Ariadne ao qual nos vamos ater nessa comunicação para identificar a estética pragmatista, e mostrar em que medida ela é compartilhada pelos diferentes filósofos. A saber, a noção de centralidade da experiência estética como constituidora de todas as experiências.

Assim, nesta breve apresentação veremos de que modo os chamados três grandes nomes do pragmatismo norte-americano Charles Peirce, William James e John Dewey desenvolveram esse ponto em comum, e como em todos estes filósofos, a experiência estética é um elemento fundamental que permeia a própria vida.

II

Tal como o pragmatismo que começou com o brilhante trabalho intelectual de Charles Sander Peirce, nossa investigação inicia pela sua figura. Peirce é mais conhecido por seus aportes inovadores à lógica e a semiótica, e de fato, demonstrou pouco interesse pela estética, exceto em uma curta fase de sua de juventude conforme ele próprio conta em ensaios.¹¹

⁸ Malecki, Wojciech. *Pragmatist Aesthetics: history and hope*. In: Malecki, Wojciech. (ed.). *Practicing Pragmatist Aesthetics: critical perspectives on the Arts*. Amsterdam, 2014, p.2.

⁹ Fluck, Winfried. *Pragmatism and Aesthetic Experience*. In: Fluck, Winifried. (ed.) *Pragmatism and Literary Studies*. Tübingen, 1999, p.227-242.

Cometti, Jean-Pierre. *Arte e experiência estética na tradição pragmatista*. Tradução de Luciano Vinhosa. *Revista Poiésis*, 12, 2008: 163-178.

Kremer, Alexander. *Pragmatists on the Everyday Aesthetic Experience*. *The Slovak Journal of Aesthetics*, 9(2), 2020: 66-74.

¹⁰ Shusterman, Richard. *Pragmatism*. In: Gaut, Berys; Lopes, Dominic McIver. (eds.) *The Routledge Companion to Aesthetics*. London/New York, 2013.

¹¹ “Minhas próprias opiniões sobre ética e estética são muito menos maduras do que minhas opiniões sobre lógica. [...] Quanto à estética, embora o primeiro ano do meu estudo de filosofia tenha sido dedicado exclusivamente a este ramo, dedee então eu o negligenciei tanto completamente que não me sinto no direito de uma opinião autorizada sobre isso. Estou inclinado a pensar que existe uma grande variedade de ciência normativa, mas não tenho certeza nem mesmo sobre isso.” Peirce, Charles Sanders. *Las tres ciencias normativas*. In: Peirce, Charles Sander. *Obra filosófica reunida. Volumen II (1893-1913)*. Traducción de Darin McNabb. México, 2012, p.262.

Peirce possui uma vasta obra a partir da qual se pode pensar uma série de questões e pontos de vista da estética, tal como fizeram diferentes intérpretes.¹² Aqui, limito-me por questões de tempo, a destacar uma de suas formas de abordagem da estética que se relaciona em profundidade com a sua composição triádica de ciências e suas hierarquias.

Durante toda sua vida Peirce esteve interessado na classificação das ciências e em suas relações, tal tema o ocupou em distintos momentos de sua vida, e em especial, entre os anos de 1889 e 1903, quando desenvolveu uma série de esquemas e rascunhos do que viria a ser a hierarquia de suas ciências normativas.¹³

De fato, a partir da sua conferência proferida em Harvard em 1903 e intitulada “As três ciências normativas” pode-se pensar a estética dentro de seu sistema filosófico. O pensador identifica neste texto uma série de ciências particulares e ciências normativas. Dentre as ciências normativas nomeia a lógica, a ética e a estética. Dentre estas, a estética seria a mais básica.¹⁴

A esse respeito escreve Peirce de que “[...] sendo ciência normativa em geral a ciência das leis de conformidade das coisas aos fins, a estética considera aquelas coisas cujos fins residem em incorporar qualidades da sensação.”¹⁵ Ou, ainda como escreve em outra conferência “a estética é a ciência dos ideias ou daquilo que é objetivamente admirável sem razão ulterior.”¹⁶

A partir destas breves citações podemos entrever que a estética dentro do modelo de ciências de Peirce aparece como o passo básico da capacidade de experienciar do homem, diz respeito ao que é experimentado em suas qualidades e sentimentos mais primários. Neste sentido, ela pode ser entendida como um conjunto de princípios responsável por tornar possível experimentar a realidade. Por isso mesmo, é que Peirce a situa como a base tanto da ética quanto da lógica.¹⁷

Aqui, o que se destaca é o caráter de primeiridade que a estética tem em Peirce. Ela é a base de todas as outras ciências, alegação que parece no mínimo curiosa para um filósofo que não parecia interessado na estética. Neste sentido, a estética de Peirce não diz respeito a princípios de beleza ou de arte, mas de regulamentos de todas as formas de experiência. É a atividade intelectual fundadora.¹⁸

¹² Ibrí, Ivo A. A fase estética da epistemologia pragmática de Peirce. *Veritas*, 65(3), 2020: 1-16.

Guardiano, Nicholas L. *Aesthetic Transcendentalism in Emerson, Peirce, and Nineteenth-Century American Landscape Painting*. Lanham, 2017.

¹³ Barrena, Sara. *La Belleza en Charles S. Peirce: origen y alcance de sus ideas estéticas*. Pamplona, 2015.

¹⁴ Peirce, Charles Sanders. *Las tres ciencias normativas*. In: Peirce, Charles Sander. *Obra filosófica reunida. Volumen II (1893-1913)*. Traducción de Darin McNabb. México, 2012, p.259-271.

¹⁵ Idem, p.263.

¹⁶ Peirce, Charles Sanders. *Esbozo de una clasificación de las ciencias*. In: Peirce, Charles Sander. *Obra filosófica reunida. Volumen II (1893-1913)*. Traducción de Darin McNabb. México, 2012, p.328.

¹⁷ Barnouw, Jeffrey. *Aesthetic for Schiller and Peirce: a neglected origin of Pragmatism*. *Journal of the History of Ideas*, 49(4), 1988: 607-632.

¹⁸ Santaella, Lucia. *O método anticartesiano de C.S.Peirce*. São Paulo, 2004.

Essa primeiridade é uma imaginação, algo mais universal que não diz respeito ao específico. Mas, que não obstante, é um tema central porque a ação e o pensamento dependem dessa primeiridade adquirida, desses sentimentos e experiências que estão sob a alçada do campo que Peirce denominou como estético.

Em resumo, a primeiridade que a estética representa em Peirce diz respeito a um tipo de qualidade imediata que é sentida pela experiência e que funcionaria como um primeiro momento da consciência.¹⁹ Pensada desse modo, a estética diz respeito não só a arte, mas a todas as experiências vividas pelos indivíduos. E, ainda que de forma embrionária, Peirce assim como os demais pragmatistas assegura o vínculo entre experiência e vida.

III

A segunda grande figura do pragmatismo a qual nos dirigimos é o filósofo e psicólogo William James. Curiosamente James nunca escreveu um tratado de estética, embora fosse, provavelmente, o mais bem preparado dos pragmatistas para fazê-lo. Isto porque ele tinha não somente um profundo conhecimento das artes, como em sua juventude chegou a receber treinamento artístico na pintura com grandes mestres tanto na Europa quanto nos Estados Unidos.²⁰

Pois bem, da filosofia de James gostaria de assinalar aqui duas breves passagens. Uma primeira que se encontra em uma troca de cartas privadas do filósofo e que serve de explicação para a ausência de uma estética sistemática, e um segundo momento, que trata de seu reverente livro “Os Princípios da Psicologia” publicado em 1890.

Ora, em uma carta enviada ao amigo Henry Rutgers Marshall em 7 de fevereiro de 1889 James escreve: “[...] nenhum bem jamais virá para as Artes como tal do estudo analítico da Estética - ao invés [é mais provável] o dano; se as abstrações pudessem de alguma forma ser feitas com base na prática.”²¹

Ainda, na mesma carta, a respeito da razão por sua descrença em relação a estética escreve que “a diferença entre as primeiras e as segundas melhores coisas na arte parece absolutamente escapar a definição verbal - é uma questão de um cabelo, uma sombra, uma aljava interior de algum tipo.”²²

Observa-se curiosamente que em certa medida o que James argumenta aqui é que não desenvolveu uma estética, e que qualquer estética sistemática tal como as desenvolvidas em sua época

¹⁹ Shusterman, Richard. The Invention of Pragmatist Aesthetics: genealogical reflection on a notion and a name. In: Malecki, Wojciech. (ed.). Practicing Pragmatist Aesthetics: critical perspectives on the Arts. Amsterdam, 2014.

²⁰ Shusterman, Richard. The Pragmatist Aesthetics of William James. British Society of Aesthetics, 51(4), 2011: 347-361.

²¹ James, William. The Correspondence of William James. Volume 8. Charlottesville, 2000, p. 475-476.

²² *Idem ibidem.*

eram condenáveis, porque a experiência estética não pode ser reduzida a princípios abstratos ou a critérios. Dito de outro modo, a experiência estética não pode ser reduzida a palavras, porque não há forma de verbalizá-la sem destruí-la.²³

Ainda quanto a experiência estética convém ressaltar que James tece os primeiros vínculos que serão mais tarde aprofundados por Dewey no que diz respeito a relação corporificada da experiência. A experiência estética está profundamente ligada com os sentimentos e percepções de um indivíduo, que é biológico e está no mundo. A esse respeito, observa-se a seguinte citação.

A isso devemos responder imediatamente insistindo que a emoção estética, pura e simples, o prazer que certas linhas e massas nos proporcionam, bem como combinações de cores e sons, é uma experiência completamente sensível, uma sensação ótica ou auditiva, que é primária, não devido às repercussões de rebote de outras sensações despertadas consecutivamente em outro lugar. É verdade que os prazeres secundários podem ser adicionados a este prazer simples, primário e imediato, característico das sensações puras e combinações harmoniosas delas; no desfrute prático das obras de arte pela massa da humanidade, esses prazeres secundários desempenham um grande papel.²⁴

Com a citação acima, nos encaminhamos para as observações que James teceu em sua paradigmática obra “Os Princípios da Psicologia”, onde vemos que a estética aparece pensada não como o sistema abstrato de princípios que ele repudiava, porém, como o conceito que já permeara os escritos de Peirce, de qualidade imediata que é sentida e captada pela mente humana.

Observa-se que em seu livro de psicologia James enfatiza a forma como a estética enquanto qualidade da mente pode mobilizar e dirigir a atenção do indivíduo. Assim, segundo o filósofo as considerações estéticas servem como critério para moldar as percepções do mundo, e para realizar escolhas, selecionar propriedades e até mesmo teorias.²⁵

Neste sentido, a estética tal como compreende James é uma faculdade da mente responsável por reunir, unir e criar objetos e entidades, independentemente de seu tamanho. Enquanto tal, ela demonstra ser uma rica habilidade da mente, que ganha conotações positivas dentro da psicologia do filósofo.²⁶

Em última instância isso quer dizer que James não ignora de todo a estética, e de fato muito poderia ser dito por exemplo a partir de suas observações sobre o papel da literatura, ou sobre a função comunicativa da arte na esfera social. Mas, seja como for, aqui nos interessa ressaltar este ponto no qual ele reconhece que a estética é um momento de formação na captação da experiência,

²³ Levin, Jonathan. The Aesthetics of Pragmatism. *American Literary History*, 6(4), 1994: 658-683.

²⁴ James, William. *Princípios de Psicología*. Traducción de Agustín Bárcena. México, 1989, p.980.

²⁵ Shusterman, Richard. The Pragmatist Aesthetics of William James. In: Gulick, Walter B.; Slater Gary. *American Aesthetics: theory and practice*. New York, p.93-111.

²⁶ Allison, Raphael C. Walt Whitman, William James, and Pragmatist Aesthetics. *Walt Whitman Quarterly Review*, 20, 2002: 19-29.

e que o processo realizado pela mente em geral é em muitos sentidos parecido ao processo de criação artística. A experiência estética é, portanto, já uma experiência constitutiva do todo.²⁷

IV

Dos três pragmatistas Dewey é o único que desenvolve propriamente uma estética. Aliás, ele o faz justamente em meio a críticas de que seu instrumentalismo(pragmatismo) não dava conta, ou decidia deliberadamente ignorar os problemas da arte e da estética como havia escrito então Lewis Mumford.

Dewey coloca no centro de sua estética o conceito de experiência, segundo alguns intérpretes²⁸ essa foi uma interessante estratégia para mostrar que seu pragmatismo não era meramente científico, porém, também uma forma mais ampla e rica de abordagem do mundo. E, que valia também para tratar da experiência estética.

Seja como for, a opção de Dewey de abordar a estética pela experiência, permite que ele supere os dualismos e se afaste de uma noção tradicional. O que ele critica é a concepção de arte como domínio separado da vida, isto é, separado da experiência, ou o que alguns intérpretes chamaram de “atitude de museu”²⁹.

Pois bem, se ele foca na experiência, e na possibilidade de que qualquer experiência acabada poder ser uma experiência estética é apenas porque entende que não apenas a arte é experiência, mas que ao revés a própria experiência é de algum modo arte em germen.³⁰

Essa forma de entender a arte permite que Dewey amplie o escopo da estética, a experiência estética não diz respeito apenas as belas artes, mas a toda experiência completa, já não há uma separação entre o estético e a vida. A diferença entre eles não é ontológica, mas apenas de gradação.

A respeito de experiências cotidianas que podem se tornar uma experiência estética, Dewey cita um jantar em Paris, o rompimento de uma relação ou até mesmo uma quase catástrofe. Aqui, chama-se também atenção ao fato de que a experiência estética não encarna necessariamente uma experiência de prazer ou felicidade, sua característica definidora é a completude.

A esse respeito, destaca-se:

[...] poderíamos dizer que a experiência estética é a experiência pura. É a experiência libertada das forças que impedem e confundem seu desenvolvimento como experiência –

²⁷ Trigoni, Thalia. Corporeal Cognition: pragmatist aesthetics in William James. In: Scarinzi, Alfonsina. (ed.). *Aesthetics and the Embodied Mind: beyond art theory and the cartesian mind-body dichotomy*. Dordrecht, 2015, p.55-69.

²⁸ Shusterman, Richard. *The Invention of Pragmatist Aesthetics: genealogical reflection on a notion and a name*. In: Malecki, Wojciech. (ed.). *Practicing Pragmatist Aesthetics: critical perspectives on the Arts*. Amsterdam, 2014.

²⁹ Alexander, Thomas. *Dewey's Philosophy of Art and Aesthetic Experience*. *Artizein: Arts and Teaching Journal*, 2(1), 2016.

³⁰ Amoroso, Leonardo. *L'estetica come filosofia dell'esperienza*. *Rileggendo Dewey con Garroni*. In: Russo, Luigi. (ed.) *Esperienza estetica A partire da John Dewey*. Palermo, 2017.

livre, em outras palavras, dos fatores que subordinam uma experiência, tal como diretamente vivenciada, algo que vai além dela.³¹

Pode-se perceber que a estética adquire então em Dewey uma ideia de que ela é o desenvolvimento claro e intensificado de qualquer experiência. Neste sentido, tal como nos pragmatistas anteriores, a estética não é meramente o estético, mas é parte integrante de toda e qualquer experiência, seja como qualidade mental inata no caso de Peirce e James, seja como qualidade sentida no caso de Dewey.

A esse respeito, vale a pena sublinhar as próprias palavras de Dewey reiteram a relação entre a experiência estética e o mundo natural em um vínculo de continuação, conforme se observa abaixo.

A arte, portanto, prefigura-se nos próprios processos do viver. O pássaro constrói seu ninho, e o castor, seu dique, quando as pressões orgânicas internas cooperam com o material externo para que as primeiras se realizem e o segundo seja transformado em uma culminação satisfatória. Podemos hesitar em aplicar a isso a palavra “arte”, já que duvidamos da presença de uma intenção diretiva. Mas toda deliberação, toda intenção consciente brota de coisas antes organicamente executadas pela interação de energias naturais. Se assim não fosse, a arte se alicerçaria em areia movediça, ou melhor, no ar instável. A contribuição distintiva do homem é a consciência das relações encontradas na natureza. Através da consciência, ele converte as relações de causa e efeito encontradas na natureza em relações de meios e consequência. Melhor dizendo, a consciência em si é a origem dessa transformação. [...] A existência da arte é a prova concreta do que acabou de ser afirmado em termos abstratos.³²

No parágrafo citado temos justamente dois elementos que nos interessa destacar. O primeiro, a reafirmação de Dewey de que a arte está no próprio processo da vida, e com isso, o filósofo aproxima seu conceito de arte com aquele dos antigos gregos, a arte é uma técnica. Esse ponto é fundamental para tornar a arte não um elemento isolado, mas justamente parte de um todo integrante.

Além disso, Dewey reitera a contribuição da consciência humana, e de fato, neste e nos capítulos seguintes reitera como essa experiência está relacionada a essa concepção e homem enquanto “criatura viva”, isto é, enquanto sujeito biológico que compartilha o ambiente e está em constante troca com ele. Aqui, Dewey ecoa e desenvolve ideias que apareciam já muito embrionariamente em James.

A experiência estética, e a estética, portanto, trata-se de uma qualidade, realiza uma seleção e um arranjo inteligente da experiência humana, fornece ritmo, tensão, conflito e adaptação. Porém, isso tudo é possível somente se não se separa vida e arte, somente se não se incorre na tal atitude de museu.

Em última instância, o que se quer afirmar com isso é a experiência estética como chave para unificação e integração da própria experiência humana. Assim podemos ver o traço particularmente pragmatista no fato de encontrar em atos concretos, na vida mesma, a função da arte e a produção e

³¹ Dewey, John. Arte como Experiência. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo, 2010, p.472.

³² Dewey, John. Arte como Experiência. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo, 2010, p. 92/93.

realização de experiências.³³ A experiência estética funciona quando é levada para a ação, quando é sentida. Ela não é de modo algum uma vivência passiva.

Aliás, esse é outro ponto essencial, a experiência estética longe da passiva contemplação envolve um fazer, um agir do artista, mas também daquele que contempla a obra. E qualquer obra de arte só está completa “na medida em que funciona na experiência de outros que não aquele que a criou.”³⁴ Isto quer dizer que a obra não é seu material, mas a experiência a partir do material.

E não só a experiência estética, mas para Dewey a própria arte é algo prático que deve ser entendido como interligado com a vida humana e social. Basta pensarmos que como ele escreve “a arte é a extensão da força dos ritos e cerimônias unificadores dos homens, através de uma celebração comum a todos os incidentes e cenas da vida humana.”³⁵

De fato, para Dewey, a estética e a arte estão profundamente relacionadas com o que há de mais cotidiano na medida que “a arte une o homem e a natureza”³⁶, assim como é ela que “conscientiza os homens de sua união uns com os outros na origem e no destino.”³⁷ Neste sentido, ela é inadvertidamente prática também.

Isto é dizer que a arte e a experiência estética em Dewey aparecem como qualidades unificadoras e que devem ser pensadas em continuidade com o ambiente biológico e também o contexto social. Cotidiano e arte não estão separados, e se devemos pensar a arte devemos pensá-la talvez mais próxima do que faziam os antigos do que como fizeram os modernos.

V

Embora ainda haja muito a ser feito na historiografia da estética pragmatista procurei lançar uma breve luz sobre o assunto mostrando que em seria viável falarmos em uma estética de uma perspectiva pragmatista, e em segundo, que os três grandes nomes do pragmatismo compartilharam algumas características sobre como entender a estética e a experiência.

Pensando nessa exposição poderíamos sublinhar de que modo Peirce concebe a estética como um elemento chave para conceber todas as experiências, assim como James, que extrapola levando ao outro limite, de modo que a experiência estética é a experiência que sequer pode ser verbalizada em sua completude, enquanto Dewey tenta sistematizar essa via entendendo a experiência estética como a chave para sua filosofia da arte.

³³ Gordon, Kate. *Pragmatism in Aesthetics*. In: Thorndike, E.L. (ed.) *Essays Philosophical and Psychological in Honor of William James by his Colleagues at Columbia University*. New York, 1908, p.461-482.

³⁴ Dewey, John. *Arte como Experiência*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo, 2010, p. 215.

³⁵ Dewey, John. *Arte como Experiência*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo, 2010, p. 467.

³⁶ Idem *ibidem*.

³⁷ Idem *ibidem*.

ANAIS do COLÓQUIO INTERNACIONAL ESTÉTICA E EXISTÊNCIA
Ano 5 – 3ª Edição

Em suma, se algo precisa ser destacado, é que a estética pragmatista está longe de ser ultrapassada. É uma fonte rica para pensarmos a estética e a filosofia da arte, que precisa ser ainda mais bem explorada e compreendida. Sua vantagem, sem dúvidas, é nos lembrar que a arte é uma experiência, e como toda experiência integra a vida humana.

Referências

- ALEXANDER, Thomas. Dewey's Philosophy of Art and Aesthetic Experience. **Artizein: Arts and Teaching Journal**, 2(1), 2016: 59-67.
- ALLISON, Raphael C. Walt Whitman, William James, and Pragmatist Aesthetics. **Walt Whitman Quarterly Review**, 20, 2002: 19-29.
- AMOROSO, Leonardo. L'estetica come filosofia dell'esperienza. Rileggendo Dewey con Garroni. In: RUSSO, Luigi. (ed.) **Esperienza estetica A partir da John Dewey**. Palermo: Centro Internazionali Studi di Estetica, 2017.
- BARNOUW, Jeffrey. Aesthetic for Schiller and Peirce: a neglected origin of Pragmatism. **Journal of the History of Ideas**, 49(4), 1988: 607-632.
- BARRENA, Sara. **La belleza en Charles S. Peirce: origen y alcance de sus ideas estéticas**. Pamplona: Eunsa, 2015.
- COMETTI, Jean-Pierre. Arte e experiência estética na tradição pragmatista. Tradução de Luciano Vinhos. **Revista Poiésis**, 12, 2008: 163-178.
- DEWEY, John. A comment on the foregoing criticism. In: BOYDSTON, J.A. (ed.) **The Later Works of John Dewey**, 15. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 2008.
- DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FLUCK, Winfried. Pragmatism and Aesthetic Experience. In: FLUCK, Winfried. (ed.) **Pragmatism and Literary Studies**. Tübingen: Gunter Narr Verlag Tübingen, 1999.
- GORDON, Kate. Pragmatism in Aesthetics. In: THORNDIKE, E.L. (ed.) **Essays Philosophical and Psychological in Honor of William James by his Colleagues at Columbia University**. New York: Longmans, Green, 1908, p.461-482.
- GUARDIANO, Nicholas L. **Aesthetic Transcendentalism in Emerson, Peirce, and Nineteenth-Century American Landscape Painting**. Lanham: Lexington Books, 2017.
- IBRI, Ivo A. A fase estética da epistemologia pragmaticista de Peirce. **Veritas**, 65(3), 2020:1-16.
- JAMES, William. **Principios de Psicología**. Traducción de Agustín Barcena. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- JAMES, William. **The Correspondence of William James**. Volume 8. Charlottesville: University of Virginia Press, 2000.
- KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do Julgar**. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.
- KREMER, Alexander. Pragmatists on the Everyday Aesthetic Experience. **The Slovak Journal of Aesthetics**, 9(2), 2020:66-74.
- LEVIN, Jonathan. The esthetics of pragmatism. **American Literary History**, 6(4), 1994: 658-683.
- PEIRCE, Charles Sanders. Esbozo de una clasificación de las ciencias. In: PERICE, Charles Sanders. **Obra filosófica reunida. Volumen II (1893 - 1913)**. Traducción de Darin McNabb. México: Fondo de Cultura Económica, 2012.
- PEIRCE, Charles Sanders. Las tres ciencias normativas. In: PERICE, Charles Sanders. **Obra filosófica reunida. Volumen II (1893 - 1913)**. Traducción de Darin McNabb. México: Fondo de Cultura Económica, 2012.
- SANTAELLA, Lucia. **O método anticartesiano de C.S.Peirce**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- SCHILLER, F.C.S. William James and the Making of Pragmatism. **The Personalist**, 8:81-93.
- SHUSTERMAN, Richard. Pragmatism. In: GAUT, Berys; LOPES, Dominic McIver. (eds.) **The Routledge Companion to Aesthetics**. London/New York: Routledge, 2013.
- SHUSTERMAN, Richard. The invention of Pragmatist Aesthetics: genealogical reflection on a notion and a name. In: MALECKI, Wojciech. (ed.) **Practicing Pragmatist Aesthetics: critical perspectives on the Arts**. Amsterdam: Rodopi, 2014.
- SHUSTERMAN, Richard. The Pragmatist aesthetics of William James. **British Society of Aesthetics**, 51(4), 2011: 37-361.
- SHUSTERMAN, Richard. The Pragmatist Aesthetics of William James. In: GULICK, Walter B; SLATER, Gary. **American Aesthetics: theory and practice**. New York: SUNY Press, 2020.
- TRIGONI, Thalia. Corporeal Cognition: pragmatist aesthetics in William James: In: SCARINZI, Alfonsina. (eds.) **Aesthetics and the Embodied Mind: beyond art theory and the cartesian mind-body dichotomy**. Dordrecht: Springer, 2015.